

AS MEMÓRIAS E OS SABERES SOCIAIS DOS MOVIMENTOS CAMPONESES EM GOIÁS A PARTIR DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA E TERRA LIVRE

LAS MEMORIAS Y EL CONOCIMIENTO SOCIAL DE LOS MOVIMIENTOS CAMPESINOS EN GOIÁS DEL MOVIMIENTO DE TRABAJADORES RURALES SIN TIERRA Y TIERRA LIBRE

Joyce de Almeida Borges

Universidade Estadual de Goiás, Campus-Itapuranga-Brasil
albojoyceueg@gmail.com

José Paulo Pietrafesa

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Brasil
jppietrafesa@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre as contribuições de práticas de luta ou de saberes sociais como instrumento de formação política que se dão no universo da organização popular, por meio de movimentos sociais do campo. Este artigo é fruto de leituras, reflexões e debates realizados durante a Disciplina de Movimentos Sociais, Trabalho e Educação realizada na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (Goiânia) e é parte de reflexões da tese intitulada: “Memória e história de territórios de conflitos sociais no campo em Goiás: processos educativos e a formação política de lideranças”. Como resultados destas reflexões, concluímos que, por meio da práxis, o saber social pode ser construído a partir do processo dialético de confrontos entre atores sociais, através das ações coletivas e individuais, e de construções pedagógicas do cotidiano possibilitadas por diferentes meios de formação, como a participação em reuniões, nas místicas, em círculos de debates, em cursos, realização de leituras, ações dos movimentos do campo, equipes de trabalho e palestras. Estes saberes possibilitam novas práticas de enfrentamento coletivo e popular na formação de novos sujeitos históricos capazes de realizar uma leitura mais crítica, política e social do mundo.

Palavras-chave: Saberes sociais. Formação. Ações coletivas. Movimentos Sociais do Campo.

Resumen

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre las contribuciones de las prácticas de lucha o el conocimiento social como instrumento de formación política que ocurre en el universo de la organización popular por medio de los movimientos sociales en el campo. Este artículo es el resultado de lecturas, reflexiones y debates celebrados durante la Disciplina de los movimientos sociales, el trabajo y la educación celebrada en la Escuela de Graduados de Educación-Universidad Federal de Goiás (Goiânia) y es parte de las

reflexiones de la tesis titulada: "Memoria e historia de los territorios de conflictos sociales en el campo en Goiás: procesos educativos y formación política de líderes". Como resultado de esta reflexión, llegamos a la conclusión de que, a través de la praxis, el conocimiento social puede construirse a partir del proceso dialéctico de confrontación entre actores sociales, a través de acciones colectivas e individuales, por meio de construcciones pedagógicas diarias hechas posibles por diferentes medios de formación, como la participación en reuniones, misticos, círculos de debate, cursos, lecturas, acciones de movimiento de campo, equipos de trabajo y conferencias. Este conocimiento permite nuevas prácticas de confrontación colectiva y popular en la formación de nuevos sujetos históricos capaces de hacer una lectura más crítica, política y social del mundo.

Palabras clave: Conocimiento social. Formación Acciones colectivas. Movimientos sociales del campo.

Introdução

Os saberes sociais partem de experiências construídas por movimentos sociais, sindicatos, experiências coletivas em movimentos de luta como os movimentos estudantis, Organizações não Governamentais (ONG's), associações etc. São fortalecidos no trabalho, no cotidiano, na cultura, nas escolas, nas festas e ações comuns. Indagamos: os saberes essenciais para a organização coletiva podem ser construídos nas lutas populares, nas ruas, nas organizações sociais? De que forma se territorializam? Como estes saberes têm se apresentado no campo em Goiás? Estes saberes sociais contribuíram com quais ações territoriais historicamente e o que acrescentaram à vida e a formação dos sujeitos envolvidos nas disputas por terra?

A pesquisa ocorreu entre camponeses, religiosos e sindicalistas. Os quais totalizaram 60 entrevistados e 9 municípios de Goiás. Não conseguimos encaminhar ao Comitê de Ética, pois exigiam a assinatura dos entrevistados, antes da conclusão a pesquisa, o que não foi possível. Contudo, para este artigo, fizemos o recorte de trabalhar com os depoimentos apenas dos entrevistados ligados aos movimentos sociais dos municípios de Goiás e Faina. As entrevistas foram gravadas em máquina fotográfica e transcritas.

Para a reflexão sobre memória, saberes e dados ligados aos movimentos sociais do campo de Goiás, este artigo divide-se em três blocos. O primeiro busca uma interpretação da memória e traz depoimentos de camponeses relacionados à violência e a luta pela terra em Goiás nas décadas de 1980 e 1990.

O segundo bloco busca compreender a particularidade histórica dos movimentos sociais no campo em Goiás, tendo em vista momentos de embates entre camponeses, Estado e forças militares. Neste processo histórico registramos as aprendizagens por meio das experiências políticas, sindicais, sociais e partidárias. Trazemos alguns depoimentos de lideranças religiosas ligadas à Comissão Pastoral da Terra (CPT) para elucidar o processo de luta pela terra vivenciado em Goiás e as violências sofridas por estes atores.

Na última parte do artigo, observamos e analisamos os dados e registros fotográficos obtidos em trabalhos de campo junto aos movimentos, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Terra Livre (TL), e apontamos análises que mostram os saberes dos sujeitos no processo de formação dos movimentos citados e algumas especificidades da luta pela terra no município de Faina-GO.

As memórias: a formação e o protagonismo dos sujeitos

Para nosso estudo de história social, nos amparamos nas memórias para compreender o processo de violência sofrido por camponeses (as) em Goiás pós-1964. A partir da coleta de depoimentos analisamos os saberes adquiridos nos momentos de acampados e assentados vivenciados e sua relação com a territorialização do campesinato em Goiás hoje. Que relação se estabeleceu entre a memória e a construção de identidades coletivas e formativa dos movimentos sociais rurais existentes em Goiás?

Pollak (1989) ressaltou as memórias “subterrâneas, proibidas, clandestinas” que foram relegadas pelo Estado a favor do poder hegemônico de uma classe dominante que não esteve interessada em manter as memórias dos povos subalternizados. Apropriamos dos termos relativos à memória dos estudos deste autor; para nos dirigirmos as memórias camponesas de Goiás. As memórias foram silenciadas, postas no fundo do baú, a fim de serem esquecidas e não revividas, para a isenção do Estado, do latifúndio e do agronegócio. O que pode ser denunciado com a realização desta pesquisa.

Nesta ótica, entendemos que as memórias estão em disputa. Pollak (1989) contribuiu em relação à dominação hegemônica. Nesta compreensão entende que, com as memórias revemos a história e evitamos a recorrência da repetição de erros. O autor deixa claro como o silêncio produz pistas também, esconde os discursos negligenciados.

Os estudos relacionados à memória estiveram por muito tempo ligado à Filosofia e à Psicologia. Na Filosofia, em uma abordagem durkheimiana, a memória era classificada como “Memória Social”. Para Peralta (2007, p. 18):

A memória é social porque nela influem os constrangimentos sociais próprios de determinado grupo. A memória é social porque pressupõe sempre uma relação de partilha cultural no seio do grupo social. Mas, a memória é social principalmente porque é um sistema de organização e mediação cultural do acto mental de recordar.

A partir de 1960, Maurice Halbwach trouxe para as ciências sociais a ideia de “Memória Coletiva”. Diversos autores também trouxeram, para este cenário teórico, outras concepções ligadas aos estudos de memória. Por exemplo, Misztal (2003), com a corrente de memória popular, com estudos de Wallace (1996); Benjamin (1992), com a memória como presentificação numa relação entre passado, presente e futuro. Além de Hall (1997), no estudo de narrativas e discursos como sistemas de representação, que se aproxima de Bordieu (2002) com a ideia de um passado não fixo, o sistema de disposições e estratégias (PERALTA, 2007).

Segundo Peralta (2007, p. 6), “a memória coletiva é o locus de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço”. A autora ressalta também a sujeição da memória individual à memória coletiva. Isso porque a memória coletiva possui uma relação com a identidade do grupo social. Suas análises basearam nos estudos mais profundos de Halbwachs.

A memória coletiva é múltipla e a memória histórica é única. Peralta (2007) destacou que Halbwachs negligenciou as tensões e os conflitos presentes nos estudos de memória. A autora chamou a atenção para o fato de realizarmos estudos que fazem paralelos entre a memória oficial e as memórias populares, estabelecendo uma crítica entre as resistências e as ideologias dominantes. Desse modo, nossa pesquisa segue esta linha de estudo.

A memória, para Halbwachs (1968), varia de acordo com o sujeito que a narra em suas construções históricas. Esse autor enfatizou a força dos diferentes pontos de referência que estruturam a memória e que a inseriram na memória da coletividade a que pertencemos. No entanto, cada indivíduo narra o mesmo fato de diferentes formas. E essas memórias protagonizadas pelos próprios sujeitos das disputas territoriais são percebidas sob condições que reproduziram os seus silêncios.

Bosi (1994) afirmou que a memória está ligada às questões subjetivas. As lembranças apresentam descrições materiais e uma percepção concreta e complexa. As lembranças e a percepção são imediatas, compõem quadros corriqueiros de experiências comuns. Nas memórias está aquilo de mais essencial entre os sujeitos, que os diferencia em um aspecto mais direto e particular. A memória é algo mais profundo. As memórias estão relacionadas à classe social do indivíduo, aos relacionamentos com a família, com a igreja, com a profissão, com os grupos sociais inseridos. No caso desta pesquisa estão ligadas, por exemplo, aos partidos políticos, aos sindicatos, aos movimentos sociais. São os percursos vividos que desencadeiam a memória.

Quando utilizamos como fonte de pesquisa as memórias individuais, não se trata de um retrato fiel da realidade, pois essas são construções realizadas a partir das experiências pessoais e das influências das memórias coletivas. As memórias são carregadas de subjetividade: as reminiscências pessoais transmitem os significados que atribuímos aos acontecimentos. Às vezes, as memórias não condizem com os fatos, mas são úteis aos pesquisadores na medida em que lhes permitem explorar a relação entre reminiscências pessoais e a memória coletiva, observando as razões pelas quais as pessoas apresentam especificidades de narrar suas experiências históricas.

Assim, retomar o passado, a memória é questionar também o instituído. É um processo de reconstrução histórica e política de fatos, histórias e análises. Em nossa pesquisa, as memórias tratadas e valorizadas remetem a um período histórico de violência durante a ditadura militar e posterior a ela. Nesse período, militantes, estudantes, líderes políticos, de sindicatos e associações foram duramente perseguidos, interrogados, torturados, violentados e assassinados. Não é redundância reforçar esse passado porque o Estado quer dar por esquecido esse período e, conseqüentemente, não ter de se responsabilizar pelo que as pessoas e famílias violentadas sofreram.

Destacamos as memórias de camponeses, sindicalistas e lideranças que pertenciam ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), aos quais lhe cabia o papel pedagógico do partido na formação e organização das lutas sociais do campo em Goiás (LOUREIRO, 1988). De antemão, após o PCB ter sido colocado na ilegalidade a partir de 1947, a reorganização do partido, a formação de ligas camponesas e associações nesse período levaram à ocorrência de perseguições, mortes e violências. Entre os perseguidos em Goiás citamos alguns elencados pelos estudos realizados por Gomes (2009) e Borges

(2005): Geraldo Tibúrcio, José Sobrinho, Antônio Rabelo, Parcival Moreira Coelho, Aristeu Alves do Nascimento e Alda Borges.

A memória possui constituição de origem social, sendo um retrato da estrutura econômica conservadora, arcaica e violenta do Brasil. Entre outros sujeitos das lutas pela terra em Goiás, destacamos Antônio Baiano ou Antônio Alves de Sousa, um dos primeiros camponeses a se indignar contra terras griladas no município de Goiás, na década de 1980. As terras eram de Urbano Berquó, 146 alqueires, segundo Frei Marcos em entrevista do dia 6 de julho de 2016. Antônio Baiano afirmou: “Ele disse que a terra é dele, mas eu sei que é grilo, eu quero uns 5 ou 6 alqueires só pra eu morar e trabalhar”. Os camponeses dessa região da Fazenda Estiva, incluindo Manoel Santana da Mata, foram presos e despejados duas vezes. De lá reuniram-se com outros companheiros do município de Goiás e foram para a região onde se localiza o assentamento do Mosquito. Mas, lá foram ameaçados de afogamento pelo filho de Urbano Berquó.

Realizamos a entrevista aberta e gravada com Manoel, nascido em 22 de julho de 1950, no município de Faina, atual assentamento São João do Bugre, no município de Goiás. Ele destacou parte da memória das lutas coletivas no campo na região mencionada, durante a década de 1980, período em que eclodiram os conflitos sociais no campo:

Meu nome é Manoel Santana da Mata. Sou nascido no município do Faina. Em 1965 chego em Goiás e em 1981 vim aqui pra Fazenda Estiva. Em vim ajudar o cumpade Baiano, porque ele tava aqui, o povo já tinha colocado fogo nas casas e nas roças dele, cortando o bananal. O bananal deu cacho sem foia, deu banana no tronco. Cortaram o bananal. A gente veio né. A gente veio pra ajudar ele e tamo até hoje na luta. Ninguém conhecia essa luta aqui em Goiás. A gente era tratado como vagabundo, grileiro. Nós éramos visto como grileiro, sendo que eles é que era os grileiro. Desde em quando surgiu essa luta eu tava aqui. Nunca saí daqui pra nada. Foi uma luta bem trabalhosa. A gente passava muita dificuldade. Eu ouvi falar de reforma agrária a primeira vez no sindicato de Itapuranga e depois fui me interessando, participando. Eu tô aqui desde que começou essa luta. Eu tô aqui até hoje nunca saí pra nada. Aprendemos a trabalhar em conjunto e não acreditar em tudo o que o fazendeiro fala. Hoje tem alguns que entram na luta só pra atralhar. Não tem aquela cabeça de luta.

Essa história de luta contada por Manoel, de 67 anos, demonstrou como o período inicial de consolidação dos acampamentos em Goiás foi conflituoso e revelou como os sindicatos também mencionavam a Reforma Agrária, isto especificamente em Itapuranga, que tinha um movimento sindical mais crítico e as igrejas que apoiaram a luta inicial pela terra em Goiás. Também evidenciou os processos de violência sofridos pelos acampados

que viviam nos “ranchos.” Após a colheita do arroz, o fazendeiro queria expulsar os meeiros.

Os trechos apresentados pelo entrevistado denotaram os aprendizados sociais, como em outra parte na qual o entrevistado explicou: “Nós aprende a andar não administrado pelos poderosos, mas a valorizar todos do mesmo jeito.” O final do depoimento de seu Manoel mostrou como os assentados tinham uma formação mais processual de compreensão da importância dos movimentos sociais, dos enfrentamentos, fato não mais tão presente nos “sujeitos de luta” da contemporaneidade, como o entrevistado ressaltou.

A morte de animais era comum no processo de violência entre grileiros e posseiros, este fato foi uma das razões que impulsionaram os camponeses a permanecerem na luta. Isto especificamente no município de Goiás. A formação pessoal dos acampados e a consciência de que a terra era também deles, e não só do patrão, os fortaleceu. Outros elementos, como a fé, foram uma maneira de fortalecê-los.

Antônio Baiano foi o precursor da luta pela terra na região onde se concentram 24 assentamentos somente no município de Goiás, como veremos no terceiro item. Desse modo, os próprios desafios com os sujeitos em disputa, as lições de violência, as palavras ouvidas, as ações realizadas, todo esse cenário possibilitou um espaço de construção e reconstrução de memórias, ações, enfrentamentos, novos territórios, novos sujeitos e saberes.

Entre as memórias da luta no campo presentes nas disputas territoriais de Goiás, destacamos ainda a entrevista concedida por um dos casais que liderou a formação do assentamento do Mosquito, no município de Goiás. No dia 26 de agosto de 2017, realizamos o trabalho de campo no primeiro assentamento do município de Goiás, o assentamento do Mosquito, localizado a 26 quilômetros sede do município. Adentramos a casa de Milton Duarte da Costa, de 78 anos e Nadir de Souza Costa, de 68 anos, cujos entrevistados participaram de todo o processo inicial de conquista e ocupação da Fazenda Mosquito no ano de 1986.

Figura 1: Entrevista realizada no Assentamento do Mosquito-GO



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida. (2017).

Durante a entrevista, realizamos questões referentes ao processo de disputa pela terra, os enfrentamentos e os aprendizados sociais adquiridos durante os anos de luta e permanência no campo:

Minha origem é trabalhador rural de fazenda. A verdadeira reforma agrária aconteceu comigo, eu fui assentado na minha região. Fui pra cidade pra estudar, estudei até o primário. Depois fui trabalhar na casa das freiras como motorista. Trabalhei dez anos ganhando salário mínimo. Continuei trabalhando lá pros meus filhos ter o direito de estudar no colégio das freiras. Todos os seis estudaram lá. Quando eu vim pra luta eu trabalhava no garimpo, aqui no Maduzanzan no Rio vermelho. Eu e os outros companheiros (Damásio, Zé Nunes, Waldison, Zé Belo) participamos da primeira ocupação em 1º de maio. Ficamos acampados e fomos despejados. Depois ficamos ocupando a Prefeitura, a gente sofria ameaças. Para se manter contamos com a ajuda da sociedade, tinha as comissões. Ficamos acampados 40 dias. Nós tínhamos ganhado a opinião pública. Fazia proposta, nós não aceitava, nós queria a desapropriação. Voltamos pro Mosquito, a segunda ocupação durou um mês, aí o INCRA declarou improdutivo a terra e ia passar o projeto pro governo. Fomos pra Praça Cívica em Goiânia, éramos 48 famílias. Uma das formas de se fazer reforma agrária era fazer pressão. O MST foi criado com este objetivo. Minha mulher era catequista, Dom Tomás determinou pras catequistas criar as comissões, aí minha mulher me chamou pra participar do Encontro Diocesano, e foi assim que fomos iniciando a participação. Criou duas, uma comissão no Setor Aeroporto que eu coordenava e outra na Fazenda Djalma Machado. O objetivo era conscientizar o povo, a CPT fez umas cartilhinhas, aquelas coisa, terra é pra quem quer trabalhar nela, coisa de igreja. A intenção era orientar o povo, tirar a reforma agrária da gaveta. Era difícil porque os que trabalhava na roça, devia favor aos fazendeiros, dívida com os patrões. Os patrões não aceitava que os trabalhadores participassem das reuniões. O trabalhador rural não ia com medo do patrão. Aí eu fazia as reuniões na minha casa. Aí começou a dar problemas. Recebi ameaças. A UDR foi criada pra criar grupos de jagunços pra combater a ocupação de terras. Olavo Berquó, Bebê Berquó, enchia o caminhão de jagunço lá em Goiás e vinha, dava tiro nas árvores, tirava foto das minhas filhas. Padre Felipe Ledett levava minhas filhas pra chácara das freiras. Querendo ou não nós tava na liderança. Me escolheram pra representar Goiás lá em São Paulo. Eu fui fazer curso lá em São Paulo, o maior aprendizado meu foi participar destes cursos de formação. Na Faculdade Sapiência. Tinha um professor, o Zé Gomes, caboco dotado de inteligência. Ele falava assim, “é melhor ter seu inimigo do seu lado do que contra você”. Eu adquiri conhecimento que eu nunca pensava. As formas de trabalhar. Eu

tive vontade de estudar e não consegui. Esse professor um dia, desenhou uma árvore no quadro e disse: quem tiver a raiz controla esta árvore. Vocês estão na raiz. A CPT começou um trabalho pra articular e na organização, com Zé Carlos, Marina Santana, Angelita, Negão. O Dom Tomás dizia que a força tá na nossa união. Falava de agricultura sustentável, falava muito dos índios, como eles plantavam. Eu queria ter um pedaço de terra, realizei o meu sonho de ser assentado na minha região. Hoje são 43 famílias aqui.

Vários aspectos são interessantes ao longo da entrevista, como os aprendizados de concepções ligadas à luta de classe, a ideia de produzir no coletivo como parte do cotidiano do assentamento e as experiências frustradas da produção. Mas o que nos chamou a atenção foi que a análise convergiu para a tese de Pessoa (1999a), de que os atores que articularam o processo inicial de luta pela terra em Goiás foram os camponeses com o apoio da CPT e dos sindicatos dos trabalhadores rurais.

Em 2011 foi criada a Comissão Nacional da Verdade para rever o passado de repressão no Brasil após o golpe de 1964 e reconstruir a memória acerca dos atos de violência, assassinatos e ações do Estado que violentaram homens e mulheres. As memórias das lutas no campo em Goiás se estendem aos sindicatos, outro grupo que será visto adiante.

Para compreendermos melhor os sujeitos do campo na contemporaneidade, seus saberes e suas memórias, entrevistamos seis moradores de parcelas do assentamento Serra Dourada, que foi criado em 1999. O assentamento Serra Dourada é uma referência no município por ser o que possui a terra mais fértil e um grande número de estufas de hortaliças. Possui reserva coletiva e foi o único planejado no coletivo, mas que, por falta de verbas e conflitos internos, não conseguiu consolidar um projeto coletivo de produção. Assim, optamos por entrevistar estes sujeitos, por entender que eles atuam no sustento de hortaliças no município, em feiras e supermercados e por terem enfrentado o período de acampamento e violências.

Ainda com relação às memórias da luta pela terra no município de Goiás, entre um dos assentados, do assentamento Serra Dourada que comercializa hoje na feira do pequeno produtor, nos chamou a atenção o depoimento de José Cardoso de Souza, de 52 anos. Seus pais são de Itapuranga e trabalhavam de arrendo nesse município antes de ir para o assentamento. “Zezinho” ficou acampado um ano e dois meses, entre 2003 e 2004, no acampamento Vitória da Natividade, localizado entre os municípios de Heitorai e

Itapuranga. O entrevistado foi líder do acampamento, foi filiado ao PT, é sindicalizado, foi ameaçado e conta sua história:

Quando foi pra ir pro acampamento eu tinha um tio que estava na Santa Rosa. O padre fez o convite, a princípio eu não queria ir, mas depois eu pensei, eu precisava de terra para trabalhar. Eu fiquei no Capim Puba entre Heitorai e Itapuranga. Cheguei lá eu dei uma crise de ri. Mas aí meu tio falou que em seis meses ia conseguir. Aí começamo a dar apoio para outros, onde os cara arrumou capanga para tirar nós. Quando ele viu tinha mais de cem. Mas aí uns foram pra Canudos, outros para Serra da Mesa. Aí eu fui pra baixo do Faína. Perto da Tiririca. O fazendeiro era muito bravo. Nós não invadia a sede, mas eles vinham e ameaçava tirar. Aí fomo lá ver se tinha capanga como que era. Eu falei pra nós voltar pra trás. Eles falou você tá com medo. Eu falei, não é porque não compensa. Uma chuva danada. Passamo a noite inteira molhado e sem comer. No outro dia os capanga atacaram nossa barraca. O fazendeiro e os capanga dormiu na estrada pra pegar nós. O cara só quis pegar eu e o Valdeir. Mas aí pegou o Valdeir, bateu nele, judiou demais e perguntou por mim. Cadê o neguim. Deu dois tiro nele. Um acertou, outro não. Depois de três meses vim pra CPT em Goiás. Aí me perguntaram se eu queria terra ou se queria o serviço. Eu falei que queria terra. E tô aqui.

A propriedade do assentado conta com 23 cabeças de gado, 5 cavalos, produz 30 litros de leite por dia, possui 10 caixas de abelhas, comercializa derivados do leite, como o queijo, requeijão e doce. Comercializam mané-pelado, pão, rosca, pamonhas, biscoitos e torta de frango e produz hortaliças, que entregam nos supermercados, abacates e quiabos.

Discutimos, no primeiro item desse artigo, o processo inicial de construção de associações de trabalhadores rurais no estado de Goiás e tivemos a oportunidade de entrevistar Parcival Moreira que trabalhou como educador popular em Goiás e auxiliou na fundação de sindicatos em Itauçu e outros municípios goianos. No dia 28 de janeiro de 2018, realizamos a entrevista com Parcival Moreira, residente em Inhumas. Parcival Moreira Coelho e seu irmão Oscavú José Coelho eram da Ação Popular e em 1967 foram presos junto a 17 trabalhadores. O entrevistado participou do Movimento de Educação de Base (MEB) na década de 1960, na Fazenda Serrinha em Itauçu. Presenciou a chegada da primeira Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Goiás, a Associação de Itauçu, e auxiliou na formação de sindicatos dos trabalhadores rurais de vários municípios em Goiás. A entrevista comprovou a riqueza da experiência vivida e dos saberes políticos deste sujeito.

A experiência política de Parcival é grandiosa, foi educador no MEB de Itauçu durante a década de 1960. Posteriormente, foi preso por dois anos devido ao desenvolvimento desta atividade. Em 1997 contribuiu como educador no acampamento

de Canudos. E esteve durante este ano na direção do MST em Goiás. O entrevistado evidenciou elementos específicos desse momento histórico da luta pela terra:

Eu sou nascido no dia 26 de setembro de 1931. Sou filho de camponeses, de mineiros. Se eu não tenho a participação na criação de todos os sindicatos dos municípios, a maioria deles eu deixei meu rastro. Itapuranga, Nova Veneza, Itaguari, Itaguaru, Itaberaí... Havia uma desunidade pela nossa desmobilização. A necessidade era enorme de organizar a classe trabalhadora. Os trabalhadores estavam dominados, dispersos, sem força de mobilização, sem poder político. Até hoje os freios históricos, é muito difícil mudar a cabeça de alguém. Tudo precisa que tenha uma liderança, alguém que dê um passo. A gente num muda a consciência de ninguém. Muito embora a igreja obstaculizou, chegou o MEB em Itauçu em 1961. Ajudei nas escolas radiofônicas. Com a chegada de Dom Fernando aí eu entrei dentro. [...] A questão do sindicalismo em Goiás arrebentou certos tabus e a coisa caminhou. Isso rendeu o sindicalismo que nós temos hoje. Devemos a esta abertura da igreja. Dom Fernando trazia a pastoral cá no pé do eito. A igreja teve participação como motor, mostrando caminhos, animando as lideranças. A igreja ajudou muito dando curso aos trabalhadores rurais.

Parcival comentou sobre vários pontos da formação tanto realizada pelo MEB, como pelos sindicatos e pela igreja. O depoimento mostrou que alguns bispos eram mais atuantes e sabiam colocar as pastorais mais na ativa, como o exemplo citado de Dom Fernando. O entrevistado enfatizou como era um momento que necessitava da organização popular. As organizações populares são sempre necessárias, mas o momento histórico de repressão e todo o arranjo de violências que atingia os trabalhadores levaram as instituições coletivas a buscar estratégias que unissem e trouxessem objetivos comuns aos camponeses e trabalhadores da cidade.

Assim, dada à discussão de memórias e a apresentação de depoimentos dos sujeitos ligados à luta pela terra em Goiás, nosso objetivo adiante é entender como os saberes coletivos por meio de alguns enfrentamentos históricos foram se delineando, interpretando como estes saberes se materializam na contemporaneidade.

Saberes sociais: o que os sujeitos aprendem no processo de enfrentamento no campo

Asseguramos que o saber corresponde a determinados interesses e por isto, contém uma questão de poder e dominação. Isto já é discutido no interior das correntes educacionais no Brasil e em outros países, pois sabemos que o controle do saber é estratégico desde o período do Iluminismo e das primeiras organizações populares no mundo. Nesse sentido, afirma Grzybowski (1986, p. 50): “Por ‘saber social’ entendo o

conjunto de conhecimentos e habilidades, valores e atitudes que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações, para dar conta de seus interesses”. As condições vividas pelos sujeitos os levam a construir seus saberes, a disputar, a querer a mudar sua condição social.

O saber social tem essencialmente um caráter de formação política e decorre das classes subalternas. Ainda, Grzybowski (1990, p. 60) afirma que:

Mas há um tempo nas lutas e um tempo para o aprendizado coletivo. A continuação da prática e o acúmulo de experiências permitem um salto na consciência, na socialização política. Trata-se da formação de um saber social com os elementos da prática de luta e com os recursos da própria cultura do grupo. A reapropriação da cultura popular, sua elaboração crítica enquanto negação da cultura dominante, a afirmação do perfil cultural dos trabalhadores, a incorporação de um novo saber obtido na luta e seu uso político pelos movimentos sociais são, sem dúvida, algumas das questões mais importantes que decorrem da irrupção das classes subalternas na arena política, do seu exercício da cidadania.

O saber das organizações religiosas, políticas e de movimentos sociais estão permeadas de saberes coletivos que viabilizam a luta de classes, de poder e de territórios. Neste sentido, podemos considerar que os saberes sociais são formações políticas educativas, nas quais apropriadas pelos sujeitos e podem se tornar instrumento de luta.

Pessoa (1998) aponta algumas questões que nos auxiliam a compreender como a educação por meio da luta pode redefinir visões de mundo, além de contribuir para o entendimento de correntes filosóficas e políticas bem como ser instrumento de luta contra atores hegemônicos fortalecendo reivindicações e posicionamentos diante das contestações presentes nos conflitos sociais do campo. Pessoa (1998) compreende como a educação para as populações camponesas foi desfavorável historicamente no Brasil, e mostra como a escola é “controle econômico, social e político da nova ordem” e valoriza apenas os saberes da “casa de saberes,” no caso a escola, despreza os saberes “em casa”, e os saberes “sem casa”, que estão presentes na luta, nos enfrentamentos, no trabalho, no cotidiano. Estes são pouco apropriados pelo ensino formal. Pessoa (1998) ressalta como os saberes não escolares podem propiciar a consciência de classe que se fortalece com os elementos políticos, coletivos e de transformação social progressivamente, como descreve entre os assentados em Goiás.

Durante a construção desta pesquisa, nos chama a atenção, o depoimento de Frei Mingas, quanto aos saberes adquiridos com sua prática religiosa de sacerdote, o qual destaca o que aprendeu com camponeses em Goiás durante a sua vivência junto a Diocese.

Os camponeses possuem uma sabedoria da vida capaz de fazer uma análise da ideia de existência, trabalho, fé, vida etc. Esses saberes não se encontram em nenhum manual científico, mas está bem presente nos dizeres do povo:

O que mais aprendi com o povo das comunidades ao longo da caminhada é a capacidade de resistência diante da problemática da vida e a fé em Deus. Muitas vezes eu me perguntei se eu teria coragem como eles. Aprendi também a maneira simples de interpretar o evangelho. O evangelho não é academia, retórica. O evangelho é vida, sabedoria. Admiro a capacidade do povo de saber contemplar a beleza da natureza e saber casar com a palavra de Deus. Um dia uma senhora me disse: “A palavra de Deus é a singeleza de uma flor”. O povo nos ensina no dia a dia. E me ensinou a ter mais simplicidade no estilo de vida, compreender as limitações das pessoas.

Os saberes a partir do MST

“A gente soube combater a repressão com alimentos. Em questão de minutos o gado comeu tudo o que a gente plantou...” (Assentada em Formosa, passou pelo acampamento em Corumbá de Goiás em 2014/2015).

O MST foi gestado na década de 1980, no sul do Brasil, a partir de pautas dos sujeitos do campo, cansados de terem seus direitos de acesso à terra negados, de serem explorados, na tentativa de ter autonomia produtiva e de geração de renda. Deste modo, a Fazenda Santa Mônica foi ocupada por mais de 3.000 famílias ligadas ao MST no dia 31 de Agosto de 2014.

A fazenda surge a partir de um complexo de sesmarias improdutivas, localizadas entre os municípios de Corumbá, Alexânia e Abadiânia, cerca de 110 quilômetros de Goiânia. A Fazenda tem como proprietário o Senador Eunício Oliveira (PMDB-CE). A área ocupada era de 21 mil hectares. Houve negociações entre o senador e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para a desapropriação, mas o político que em sua declaração de bens declarou que a fazenda estava avaliada em 300 mil reais, pediu um valor 1357 vezes maior do que o valor que havia declarado (400 milhões de reais), o que inviabilizou a compra por parte desse órgão do governo ligado à Reforma Agrária. (TALGA, 2017)

No dia 4 de março de 2015 as três mil famílias acampadas na fazenda foram despejadas através de uma liminar judicial deferida em favor de Eunício, expedida pelo juiz da Comarca de Corumbá. Contribuíram para esta ocupação além dos sujeitos e líderes do MST, o Comitê Dom Tomás Balduino, os Cursos de Pedagogia da Terra, a Licenciatura em Educação do Campo, o Direito Agrário, a Licenciatura em Geografia,

Escolas Famílias Agrícolas, entre outros atores envolvidos. A pesquisa foi realizada em um dos acampamentos provisórios situados no centro de formação “Hugo Chaves” do MST que está localizado em uma parte do atual assentamento, Dom José Gomes, no município de Corumbá de Goiás.

Durante os seis meses de resistência do Acampamento Dom Tomás Balduino, a divisão do acampamento se deu a partir de 22 núcleos de base: Olga Benário, Chico Mendes I, Chico Mendes II, Hugo Chaves, Conquista, Darci Acorssi, Unidos para vencer, Terra nossa, Bandeira da paz, Jeová Jerê, Soldado de Jesus, Oziel, Guerreiros abençoados, Derrubando muralhas, Unidos para vencer, Liberdade a Porfírio, Esperança, Mão no arado, Estrela do oriente, Fênix, Sol da liberdade. Cada núcleo tinha um total de 100 a 200 famílias.

Em todo o tempo que os trabalhadores Sem Terra estiveram no local, num espaço pouco maior que 200 hectares, plantaram arroz, milho, feijão, mandioca, abóbora, amendoim, gergelim, hortaliças e legumes, como o pimentão. Esta produção foi baseada nos princípios agroecológicos de produção, com uso também de sementes crioulas, defendidos pela bandeira do MST em suas práticas discursivas e de ação coletiva, tendo como referência a produção sem agrotóxicos que busque a soberania alimentar e a emancipação de quem produz. Este plantio, um dia após a primeira reintegração de posse, realizada em março de 2015, foi todo pisoteado por bois. As plantações agroecológicas:

Figura 2: Plantações agroecológicas do Acampamento Dom Tomás Balduino (2014/2015)



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida. (2017)

Nos dias 12, 13 e 14 de Dezembro de 2016, participamos do Curso de Formação para lideranças de Áreas de Reforma Agrária em Corumbá de Goiás. Neste momento

formativo, ocorreram as palestras de lideranças do MST, como Diego Moreira e Geraldo Alves e de professores universitários como Cláudio Maia. Como síntese das discussões e debates propostos, como as análises de conjuntura política, pode-se pontuar a disputa de espaço nos discursos sociais sob o ponto de vista das hegemonias. E para se opor a estes discursos hegemônicos é preciso agregar forças, algo fundamental diante da ascensão da direita, e da captura das subjetividades pelo capitalismo instituído no Brasil. Segundo as lideranças os movimentos sociais do campo precisam se unificar e não aguardar apenas as decisões e ações por parte das estruturas sindicais. As indagações postas foram: como construir uma organização capaz de construir a hegemonia? Como fazer crescer as forças dos movimentos sociais diante das forças do agronegócio? Um dos líderes que ministrou a palestra ressaltou a violência do Estado por meio da ideia de consenso e por meio da violência direta. Fatos importantes para os movimentos sociais pensarem em novas estratégias. Por questões de ordem e proteção aos próprios militantes do MST, buscamos fotos que não evidenciassem seu rosto, como forma de proteger estes sujeitos que são ameaçados cotidianamente diante das práticas de violência de um Estado repressor:

Figura 3: Curso de Formação de lideranças do MST no Acampamento Dom Tomás Balduino. Realização: 12, 13 e 14 de Dezembro de 2016



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida. (2016).

Entre algumas outras questões de ordem teórica ou de práxis coletiva levantadas destacamos a que se refere à responsabilidade do MST na construção de um projeto coletivo, com caráter político, sindical, de massa e popular. O trabalho de base foi posto como princípio inicial, a partir da mediação e a análise entre os horizontes reais e o que se quer construir. Em meio às discussões, um fato marcante durante este encontro de formação foi a presença de Valdir Minerovicz, membro da direção nacional. O reencontro com os companheiros do movimento social, durante o curso de formação, foi marcado

por muita comoção, emoção, união, lágrimas e o desejo de continuar a luta. Valdir ficou preso após a ocupação em Corumbá por 140 dias, quase 5 meses. Durante a prisão recebeu 200 vistas. Após a sua saída da prisão, a pesquisadora presenciou pelo menos quatro palestras do líder do MST em Goiás voltadas para a análise de conjuntura política. Em uma de suas palestras Valdir enfatiza:

Saio mais fortalecido pela causa. A mídia brasileira sempre se comportou a favor da mídia burguesa, a favor do Estado. A criminalização dos movimentos faz parte do golpe. Não podemos permitir que a mídia criminalize os movimentos, porque se não teremos as conquistas que precisamos. Precisamos agora agitar um pouco mais as bandeiras.

Durante este curso de formação, uma das lideranças ressaltou a Agroecologia como princípio do MST, a necessidade de se elevar a participação da base, o sentimento de pertença e identidade, destacou a necessidade de cada assentamento ter um núcleo com a direção do MST: “*Só organizar o movimento de massa a luta fica restrita, porque após a conquista a formação ainda precisa fazer sentido. Não basta também apenas ocupar a terra, o movimento tem que continuar presente na organização do assentamento*”.

Outras lideranças estiveram presentes durante o Curso de Formação para militantes de movimentos sociais do campo em Goiás. Os líderes presentes na formação acrescentaram outros elementos na análise de atuação do MST na contemporaneidade em relação à formação, organização e atuação nos assentamentos. Como por exemplo, o fato de que a organicidade é fortalecida a partir da participação das pessoas. E esclareceram como o movimento necessita ampliar o nível de consciência e de formação dos militantes no fortalecimento do processo de luta. As orientações da Direção Nacional do MST convergem no sentido de problematizar a formação, a organicidade, a atuação do movimento, desde o período do acampamento até o assentamento:

Nós não podemos permitir que a Rede Globo seja o único veículo que mostre para as pessoas o que é o MST. O jeito de organizar o nosso território, o MST se torna uma referência para a sociedade. O segredo da formação necessita partir da divisão de tarefas e a produção nos assentamentos, a organização necessita de partir de um sentido político. A organicidade tem que organizar o território. Embora, existam os limites, os desafios da estrutura organizativa. A formação permanente vinculada ao movimento se faz necessária. Embora, muito conteúdo e pouca prática não resolvam. É no conflito que aprendemos a negociar. Por onde passa a organicidade? Como fazer com que as ações ganhem materialidade na realidade? A comunidade pode ser um espaço de extensão da ideia de coletividade. Organizar o comando local, pensar na juventude. A organização se dá por meio do trabalho. As marchas, a lona preta, a mística, a agroecologia tudo isso foi importante durante o acampamento, agora a questão é continuar no trabalho com as famílias nos

assentamentos. É preciso pensar em ações que superem os problemas e conflitos de cada assentamento.

Durante a exposição da liderança do MST, notamos a importância do MST como ator educativo, e a importância destas no sentido de fortalecer os debates políticos e a prática em cada núcleo de reforma agrária, isso se exemplifica com os seguintes questionamentos: “*Quem éramos antes e depois do MST? O quanto melhoramos na nossa compreensão sobre o ser humano? A tarefa é grande, mas não maior que a nossa capacidade. A melhor forma de elevar o conhecimento das pessoas é a participação*”.

Além dos cursos presenciais para lideranças do MST e dos núcleos de assentamentos podemos ressaltar outros instrumentos pedagógicos como, o site do MST (www.mst.org.br) que contém livros, artigos, ensaios, revistas, dissertações, teses, boletins, cadernos, jornais, poemas e vídeos. Neste mesmo site têm-se a biblioteca digital, que traz um volume de materiais interessante aos membros do movimento e a pessoas de outros movimentos, a professores de diferentes níveis e áreas que auxiliam na compreensão do mundo agrário e na construção de projetos populares de educação do campo, agroecologia e formação política.

Entre os documentos formativos do MST destacamos os “Cadernos de formação do MST” que trazem temas dos mais variados como cooperação, alfabetização, história do movimento, temas ligados às sementes, plantas medicinais, trabalho de base, comunicação em acampamentos e assentamentos, jogos, brincadeiras, músicas, poesias, mística, organização das escolas, etc.

Sobre o acampamento Dom Tomás Balduino, um dos líderes do MST em Goiás, fez algumas considerações:

Uma sociedade que almeja a democracia precisa enfrentar a democracia da terra. O acampamento é fruto de agitações populares nas periferias de Goiânia. Tinha desemprego, problemas sociais, que se casa com o trabalho de base que já se avolumava e tentou encontrar uma área próxima a Goiânia para a ocupação. Muita gente que está há 20 anos na cidade, e outros que nunca estiveram no campo, são costureiras, trabalhadores da construção civil. O movimento representa uma luta para reconstruir sujeitos no Brasil. Sob o instrumento do MST, com o rigor da militância, da formação, pela emancipação social e no pior dos cenários da distribuição de terras. A luta coletiva se dá fazendo formação, desprendimento das amarras que conduzem a sociedade.

Quanto ao aspecto formativo do MST, um dos líderes tece algumas observações que vão de encontro com algumas reflexões feitas neste capítulo acerca do papel educativo dos movimentos sociais e da atuação atual dos movimentos do campo:

O MST é um grande educador. É um intelectual coletivo. A formação é fundamental, principalmente neste momento agora da nossa sociedade, as formas de mediações precisam ser repensadas, a crise de diálogo que vivemos. A esquerda brasileira precisa retomar o trabalho de base. O MST tem que fazer um balanço crítico e temos que encontrar as bandeiras de luta comuns. A única forma de alterar a correlação de forças é organizar a classe trabalhadora. Operários, camponeses, o povo da periferia, ocupar as ruas para não perdermos direitos históricos. A organização do MST defende um projeto de país. As pessoas precisam entender que as formas de ocupação das ruas não são pra defender a Dilma, mas é pra defender o direito de democracia da classe trabalhadora.

Durante o curso de Formação de Lideranças, entrevistamos 14 pessoas, em uma faixa etária que variou de 20 a 56 anos, entre eles, oito homens e seis mulheres. Entre os entrevistados, percebemos que estes vinham de diferentes municípios, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Trindade, Senador Canedo, Crixás, Goianira, Bonfinópolis, etc.

Entre um dos outros depoimentos dos entrevistados nos chama a atenção à exposição da coordenadora do Núcleo de Educação do Campo, a entrevistada 01, de 28 anos que ressalta que o período da ocupação foi truculento, mas que foi um momento em que muitas pessoas passaram a construir novas relações no acampamento, e houve quatro prisões. Em relação ao trabalho da Educação do Campo com as crianças no acampamento, a líder do setor de educação destaca o caráter formativo do Espaço da Ciranda e como se deu a Educação do Campo durante o acampamento:

Durante o acampamento buscamos valorizar os saberes que já existem. Que o meio seja impulsionador de novos sujeitos. Buscamos contextualizar a criança do porquê que os pais estão ali. E mostrando que eles também são sujeitos de luta. Inclusive entendendo que as crianças também têm reivindicações. Eles têm a liberdade aqui, o nível de criatividade do MST é infinitamente maior. E a Educação do Campo não é uma educação bancária. Nossos princípios pedagógicos estão na junção da Pedagogia Socialista, Freiriana e popular. Uma educação e uma reflexão construída para a permanência no campo e não ser explorado no campo. A Reforma agrária popular pensa em uma educação emancipadora.

Outros entrevistados confirmam o depoimento da líder do setor educativo do MST em Goiás: “*Estando dentro do MST que eu voltei a reativar os cursos, a formação, o MST me resgatou a leitura, a mente, pra aprender coisas boas*”. Deste modo, conforme as entrevistas com a líder do Núcleo de Educação do Campo do MST em Goiás, ela

destacou outros autores além de Paulo Freire, Antônio Gramsci e Miguel Arroyo em que os educadores do MST se inspiram.

Outros entrevistados, os acampados relataram a mudança de visão de mundo, um deles, nascido em Caiapônia, foi convidado pelo sogro para participar da ocupação e ressalta que nos momentos da ocupação, durante os oito meses, sentiu-se “útil”, e aprendeu o que era trabalhar no coletivo:

Antes em achava que era uma bagunça, porque não tinha a convivência. Eu era da classe trabalhadora, era mestre de obra em Goiânia e não sabia o que era a luta de classe, foi com o movimento que eu aprendi o que é o movimento. Na televisão só via quebradeira e não falava o que o movimento queria. O que eu mais aprendi aqui foi o amor à vida. Aqui a gente trabalha na coletividade. A minha visão era outra. Eu aprendi a me doar pelo ser humano, sem ter ganho.

Durante nosso processo de realização da pesquisa, selecionamos algumas palavras chaves que estavam presentes nas entrevistas, que se repetiam, ou expressões que ouvíamos dos sujeitos e nos diálogos. Tais palavras podem traduzir parte dos saberes sociais que estes são portadores:

Quadro 01: Principais palavras chaves ou geradoras dos conceitos utilizados pelos acampados para sintetizar os principais saberes sociais adquiridos durante a permanência no MST em Corumbá de Goiás (2015/2016)

Formação	Envolvimento com a comunidade, com a juventude e com as cooperativas	Cultivo de produtos livres de agrotóxicos
Disciplina pessoal e política	Função social da terra	Espírito de companheirismo
Conscientização	Ser exemplo	Superar limites
Solidariedade	Conhecimento	Sustentabilidade
Não fazer algo sem consultar o coletivo	Estrutura e organicidade	Conhecimento sobre o veneno
Fortalecer os conhecimentos	Empenho	Capacidade de operar decisões coletivas e Distribuição de tarefas
Organização	Construir sonhos	Saber reconhecer por meio da crítica e da autocrítica
Considerar as experiências que já existem	Território	Consciência política
Proteção ao meio ambiente	Arquitetura coletiva	Mística revolucionária

ORGANIZAÇÃO: BORGES, Joyce de Almeida. (2017).

As ideias chaves do quadro se intercalam de forma subjetiva na expressividade da organização coletiva remetida na figura a seguir. E se manifesta por meio de práticas

coletivas e culturais, como a pamonhada, as reuniões, os embates com gritos coletivos, a presença de bandeiras, foices e símbolos. Além disso, estas palavras chave também estavam presentes nos depoimentos dos entrevistados:

Já sofri discriminação no colégio por ser sem terra, “oh o sem terra chegando”. Hoje se me criticar eu não importo, porque sei da importância dos movimentos e da luta. Aprendi que o MST tem uma organicidade muito ampla. A gente vê agora com uma visão diferente. Comida sem agrotóxico. A maioria das vezes o povo vê a gente de outra forma. Tô muito orgulhoso de fazer parte dos sem terra junto com os companheiros.

O Entrevistado 02, que participou de um dos núcleos do Acampamento Dom Tomás o Núcleo “Chico Mendes”, relata os principais momentos de violência ocorridos na ocupação e as formas de aprendizado neste processo:

Vi aqui pessoas se concentrando em torno de um só objetivo. Foi truculento. Tivemos que abrir estrada. Tiramos as viaturas para nossa passagem. Mas, aí nós chegou e achou o corredor aberto. Nessa Santa Mônica eu vi gente sendo curado de estresse e problema de saúde. Um dos laços que golpeou a gente foi a sociedade. Tivemos muito apoio, dos sindicatos, igreja. Foi um projeto de sonhos e esperanças. Eu me agrego a essa transformação pensando no futuro dos meus filhos. O que ficou de aprendizagem foi como lidar com pensamentos diferentes. Aprender a trabalhar como classe, a não caçar inimizade, a não ser excluída.

Outros depoimentos como o da entrevistada 12, somam-se ao depoimento anterior e trazem aspectos do porquê destes sujeitos adentrarem a luta dos movimentos sociais, as mudanças de concepções político-ideológicas a partir da entrada no acampamento, o processo formativo:

Eu saí de Goiânia pra morar em Pirenópolis. Era a ideia de viver isolado no mato. Passei um tempo como naturalista. Estudei até a quinta série. A luta me ensinou a discernir sobre a sociedade e a questão da propriedade. Foi às reuniões que foram despertando isso, uma reunião da frente de massa da Santa Mônica. No começo eu achava que ia ser fácil. Depois eu vi que não ia ser tão fácil assim. Fui entendendo o que era o sistema. Eu estou aqui nesta luta, busco pela militância, pela vontade de ver o Brasil melhor. A parceria aqui e a ideia de sustentabilidade pra mim tem muito valor.

Outros entrevistados também relatam os aprendizados sociais construídos no processo de luta, como a entrevistada 07:

Eu fiz parte da equipe da juventude. Fui pro acampamento pela minha mãe que já estava lá. Aprendi nesta convivência a ter mais solidariedade e a ser mais humano. Esperamos também conscientizar as pessoas sobre os alimentos saudáveis. Quanto aos momentos de violência sofridos aqui, eu não estava, mas o que eu sei é pelo que os outros relatavam. A polícia colocava as pessoas no ônibus e levava para a delegacia. Correria eu sei que teve. Ameaças psicológicas. O que mais aprendi aqui na luta foi ser mais humilde e a se preocupar mais com o outro.

Ainda com relação às formas de violências sofridas no acampamento Dom Tomás Balduino, outros entrevistados complementam e acrescentam como era a convivência cotidiana:

Antes de ir pro movimento eu fui caminhoneiro e pedreiro. Hoje tô só por conta do movimento. A violência que eu via aqui no Dom Tomás era os policiais dizendo: "Ou sai ou o pau vai quebrar". Os policiais ficavam fazendo a ronda. Dizendo que tinha bala pra todo mundo. Fazendo a pressão. Nós ficamos ali, pra não deixar que machucasse nenhum companheiro. Durante o período do acampamento aprendemos o que é viver no coletivo. Não se pode isolar, a gente aprende. Brinca. Ensina. Dialoga. É uma coisa muito boa. A formação no movimento é muito importante. Muito proveitoso.

As famílias expulsas da ocupação de Corumbá de Goiás foram pré-assentadas em acampamentos provisórios nos municípios de Santa Helena, Formosa e Corumbá de Goiás. O município de Santa Helena é um dos que mais tem remanescentes desta ocupação, com cerca de 4 mil acampados hoje, no acampamento Leonir Orbak. Em Formosa encontra-se cerca de 500 famílias, destas 358 foram pré-assentadas. (TALGA, 2017)

3.3.2. A luta e os saberes do Movimento Terra Livre em Goiás a partir da territorialização de acampamentos e assentamentos no município de Faina-GO

Figura 4: Acampamento São José - Movimento Terra Livre, em Faina-GO



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida (2018).

O movimento de luta pela terra no campo e por moradia na cidade, denominado TL, surgiu em 2002 a partir de dissidências com o MST. Em Goiás de 2004 a 2013 este movimento coordenou 4 acampamentos nos municípios de Jataí, Itauçu, Itarumã e Faina. O TL pode ser considerado um dos movimentos com maior número de ocupações. De

2003 a 2015 foram 45 realizadas. A territorialização do movimento ocorre com maior ênfase nas regiões do Triângulo mineiro e no sudoeste goiano. (SILVA, 2018).

Entre algumas demandas do movimento estão: limitar o tamanho da propriedade em 1000 hectares; revogação da medida provisória que proíbe terras ocupadas de serem desapropriadas; assistência técnica e extensão rural ampla e universal; implantação das escolas do campo; criação de varas e promotorias especiais agrárias; desburocratização da legislação para julgamento dos processos agrários; e barrar as mudanças no Código Florestal.

Um elemento interessante da formação dos movimentos sociais do campo são os textos e poesias apresentados nos *sites* desses movimentos, ricos em elementos pedagógicos e de análise crítica.

O Movimento Terra Livre diferencia-se, segundo as próprias lideranças, por apresentar visões e análises críticas sobre os governos de esquerda no Brasil, de Lula e Dilma, o que não significa que pessoas ligadas a outros movimentos de luta pela terra, como o MST, também não as façam. Mas o que o líder do movimento Terra Livre afirmou é que os movimentos defendem os governos Lula e Dilma, por entenderem que esses governos, por mais que apresentem limitações diante do processo de reforma agrária no país, ainda estão mais abertos a garantir os direitos do povo, do que os outros governos ligados aos partidos da direita.

O líder do Movimento Terra Livre em Goiás questionou alguns elementos ligados ao Governo Lula, que prometeu realizar a reforma agrária com uma “canetada”. Esse movimento realizou análises que demonstram como Lula quis agradar a gregos e troianos, e acabou governando também de modo a contribuir para o aumento das riquezas de quem já concentrava riquezas. Em um texto publicado no *site* do Movimento Terra Livre, o líder Zelito afirmou:

A reforma agrária não sai do papel. O último censo agropecuário realizado pelo IBGE constatou que a concentração de terras aumentou no Brasil. Outro dado é o que mostra que aumentou a concentração da produção agropecuária entre o latifúndio e o agronegócio, hoje 70% da produção está concentrada em apenas 4,2% dos estabelecimentos dos empresários rurais. Os estabelecimentos empresariais têm uma rentabilidade média bruta de R\$358,00/ha por ano, enquanto os agricultores camponeses têm uma rentabilidade média bruta de R\$ 677,00/ha por ano.

Nesse mesmo texto, o líder apresenta elementos políticos que apontam os avanços e os limites de políticas públicas, como o “Programa de Aquisição de Alimento (PAA)”, executado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab); o Programa “Luz para Todos”, o “Programa Nacional de Produção e Uso de Biocombustíveis (PNPB)”.

O movimento Terra Livre, na região Centro-Oeste, tem se destacado nas ocupações e nas formações de acampamentos. No Brasil, o número de ocupações em 2015 foi de aproximadamente 200 (CPT, 2015). Dessas, 24 na região Norte, 60 na região Nordeste, 50 no Centro-Oeste, 36 no Sudeste e 30 no Sul. No Centro-Oeste, as ocupações, nesse mesmo ano apresentaram a seguinte distribuição: no Distrito Federal foram quatro, em Goiás foram 19, no Mato Grosso foram 11 e no Mato Grosso do Sul foram 16 (PIETRAFESA, 2015).

Entre os movimentos de luta que se territorializaram nas ocupações do Centro-Oeste em 2015 destacam-se: o Terra Livre, com 8 ocupações, o MST, com 4 ocupações, e outros, como a Frente Nacional de Luta, o Movimento Camponês Popular, a Organização Independente e os índios (PIETRAFESA, 2015).

Em relação ao Movimento Terra Livre, optamos pelo município de Faina para realizar os trabalhos de campo ligados aos saberes sociais da luta pela terra. Esse município está localizado a 60 quilômetros da cidade de Goiás. A opção por este movimento não foi apenas por estar em uma proximidade física com outros municípios pesquisados, mas, por ali ter ocorrido uma experiência de alfabetização durante o acampamento nos anos de 2008/2009 e 2015/2016.

O município de Faina possui 7.004 habitantes de acordo com o IBGE (2015). Nele estão, quatro acampamentos e três assentamentos. Entre os assentamentos presentes no município estão: Patativa do Assaré, Santa Dica I e II e o 17 de Abril. Desses, visitamos o Patativa do Assaré em 20 de outubro de 2018. O referido assentamento possui 35 famílias e está localizado a 40 quilômetros da cidade. A área de cada parcela é equivalente a 20 hectares de terra. Como o INCRA apoiou os assentados na região apenas na distribuição dos lotes, os assentados reclamam das más condições das estradas e de outras dificuldades enfrentadas.

No dia 03 de Maio de 2019 realizamos uma entrevista no município de Faina, com a Profa. Edinair Gomes da Silva. A referida professora atuou no Projeto Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) do Movimento Terra Livre durante

quatro anos. Em 2008, em parceria com a UEG realiza-se o curso de alfabetização através da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sobre o contexto escolar rural de Faina, Edinair comentou: “No Faina haviam 9 escolas no meio rural, com salas multisseriadas. O MTL chega aqui em 2008. Mesmo havendo turmas na cidade os alunos não se motivavam a estudar.”

Neste cenário, trazemos para a discussão uma análise do professor Pessoa (2007, p.59):

A educação é campo social de disputa, a realidade da escolarização das populações rurais insere na disputa entre perspectiva da educação rural e da educação do campo. O movimento social do campo tem que se fazer mais presente nas regiões de conflitos para que com força dos camponeses e a política dos movimentos a luta se torne mais justa.

Neste sentido, o projeto de alfabetização no movimento Terra Livre foi editado duas vezes, em 2008 e 2009 e em 2015 e 2016. No 1º projeto de 2008/2009 foram formadas duas turmas. Já no 2º projeto, de 2015/2016 foram formadas três turmas.

Em fevereiro de 2008 iniciou a formação de educadores, foram cinco dias de aulas com diversos professores de diversas áreas de estudo, cada um mostravam meios de trabalhar com jovens e adultos. Numa perspectiva emancipadora e popular mesmo, diferentemente da educação tradicional. A sala de aula era feita de lona como se fosse uma barraca, as cadeiras foram doadas pela prefeitura municipal, o quadro móvel fixado a parede. As condições eram muito precárias sem luz elétrica usávamos uma luz ligada a uma bateria de carro que era cedida por um educando. Mesmo com muita dificuldade iniciam-se as aulas, com 15 educandos. (SILVA, 2016, p.30).

A professora ressaltou durante este processo algumas dificuldades enfrentadas, como a distância, e a falta de recursos para a realização das aulas. A entrevistada ressaltou ainda a dificuldade de enxergar dos alunos, dificuldades na entrega dos óculos, que ficaram prontos somente no dia da formatura, e a desistência de alguns deles.

O cotidiano das aulas foi descrito e realizado da seguinte maneira, aulas três vezes por semana, nove horas semanais. Às vezes pegavam feriados, a sexta à noite e completava com o fim de semana. Neste cotidiano escolar, a professora destacou a mística como elemento formativo, a receptividade dos alunos, a vontade de ter terra e a esperança citada por ela na entrevista.

Figura 5: Projeto PRONERA- Acampamento Frei Luiz de Cáprio- Terra Livre



Acervo: Professora Edinair Gomes da Silva (2008).

Em cerca de dois meses começaram a ser alfabetizados. As metodologias utilizadas foram detalhadas pela professora durante a entrevista: “A gente recortava as letras grandes no chão e depois passava para o caderno. Fazíamos também atividades com cartazes que eles mesmos produziam. Tinham Conversas em roda”. Durante a entrevista a professora citou outras atividades práticas desenvolvidas, com as frutas do Cerrado na beira do rio e a de comidas típicas de cada região brasileira.

Entre os temas estudados durante as aulas, a professora comentou alguns os quais havia ênfase: a história da propriedade da terra, a exploração extrativista, as sesmarias, a exploração dos índios e dos negros, a reforma agrária e o sindicalismo. O material didático utilizado durante as aulas foi consultado e fotografado na figura 6.

Figura 6: Material didático utilizado pelo Movimento Terra Livre na Alfabetização



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida (2019).

No trabalho de campo realizado com os assentados do Patativa do Assaré, do Movimento Terra Livre, no município de Faina, entrevistamos 10 pessoas. Esse

assentamento foi homologado em 2015 e a energia elétrica foi instalada a partir de 2018. Ou seja, os assentados sofreram cerca de três anos sem eletricidade.

Outros aspectos referentes aos saberes tradicionais valorizados pelos assentados, podemos ressaltar o cultivo das plantas medicinais, os frutos do Cerrado e práticas cotidianas como a realização da farinha, que representam elementos de um saber popular que perdura entre os povos do campo.

Figura 7: Plantas medicinais e do Cerrado e Casa de Farinha no assentamento Patativa do Assaré, em Faina



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida (2019).

A idade dos entrevistados variou de 29 a 64 anos. A maioria dos entrevistados estava na faixa acima de 50 anos. Uma das entrevistadas estava com um bebê de dois meses. A estrutura das moradias dos assentados de Patativa do Assaré, por falta de políticas públicas, é extremamente precária. Porém, a maior dificuldade descrita por eles foi à falta de água, além de outras, como aparece em um dos depoimentos: “[...] Aqui mesmo tem situação de quem não tem o que comer”.

Figura 8: Casas dos assentados no assentamento Patativa do Assaré, em Faina-GO



Organização: BORGES, Joyce de Almeida (2019).

Entre outras informações obtidas, detectamos que o Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) auxiliou com cursos formativos, como o de derivados de leite, de mandioca e pintura. E outros cursos foram citados, como os realizados pelos assentados, nos quais eles realizaram formação a partir do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e outras instituições de apoio, como os cursos de “inseminação, motor serra, abelha, conserva, suinocultura, primeiros socorros, plantio de banana, pimenta, trançagem de couro”. Um deles, o curso de doce foi realizado no dia do nosso trabalho de campo.

Figura 9: Curso de doces no assentamento Patativa do Assaré, em Faina-GO



Acervo: BORGES, Joyce de Almeida (2019).

Entre os principais aprendizados e saberes sociais registrados pelos assentados, podemos pontuar: “Persistência, lutar pelo que quer mesmo com as dificuldades”; “união, perseverança”; “a diferença é que a gente ficou mais livre. O que a gente produz fica pra gente e não pro patrão”; “Aprender a ter mais união, a correr atrás em grupo”.

Considerações finais

O papel das ideologias postas no mundo contemporâneo é capaz de formatar sujeitos padronizados submetidos à realidade de consumismo e da exploração capitalista. A sociedade está impregnada de ideologias, em todos os espaços e em todos os sentidos. O capital acentua a ideia de que vivemos em um consenso abrangente generalizado com formas de dominação arraigadas, com estruturas bem montadas, conceitos construídos, capturas dos sujeitos e da subjetividade. (MÈSZÁROS, 2014)

Pessoa (1999) nos convida a refletir sobre o papel dos saberes sem teto, dos saberes com teto e da casa de saberes. Todavia, é por meio da educação formal e não

formal que temos a possibilidade de conviver com o outro e aprender. É a partir da educação que confrontamos o que pensamos, o que fazemos e o que somos. Durante os processos de aprendizagem concebidos por meio da educação iniciamos mudanças pessoais e coletivas. Portanto, a educação é um caminho que transforma e traz avanços para o mundo (LOUREIRO, 1988).

Neste caminhar, os pressupostos políticos e pedagógicos de Paulo Freire nos auxiliaram a entender que a conscientização política ocorre na soma da consciência histórica. A tomada de consciência muda circunstâncias, alterar modos de vida, subordinações, relações sociais, pode construir de fato a libertação política e social. A formação de quadros e das frentes, a educação, a busca pelo conhecimento como mecanismo de fortalecer as lutas sociais também foi algo que apareceu nos resultados desta pesquisa tanto no MST como no TL. Os cursos de formação presenciados, os debates, os *sites*, as entrevistas realizadas, todo este conjunto, comprova a importância destes elementos para os movimentos sociais do campo em Goiás.

O que difere o movimento Terra Livre do MST na formação pode estar relacionado a algumas questões. O MST é um movimento mais antigo, consolidado, com aparato de recursos maior, o que reflete conseqüentemente no modo de realizar formação para os quadros, nos encontros e debates que se fortalecem no interior do movimento. Contudo, a crise, as perseguições e a falta de apoio aos movimentos sociais atingem todos os sujeitos, sejam eles quais forem, o que nos leva a pensar que isto interfere diretamente na formação dos sujeitos, embora parte dos palestrantes sejam pessoas dos próprios movimentos ou pessoas simpatizantes da causa da Reforma Agrária e que contribuem de alguma maneira para o fortalecimento das lutas sociais do campo. A falta de apoio interfere na mobilização para conseguir ônibus, refeições e questões burocráticas para a realização de eventos, cursos e palestras.

As memórias das lideranças de movimentos sociais do campo em Goiás apontadas nos resultados da pesquisa apontaram o peso da história, das suas lutas, revela dor, força e vontade de vencer, bem como a perseguição às lideranças de movimentos sociais, de representantes das classes populares, mortes e assassinatos de inúmeros sujeitos ligados à luta pela terra no Brasil e a luta por demais direitos de povos da cidade. A política nesses territórios desrespeita violentamente as lutas populares, as demandas dos movimentos sociais e as necessidades de trabalhadores e trabalhadoras que sustentam do capital.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORGES, Elizabeth Maria de Fátima. **Itaçu: sonhos, utopias e frustrações no movimento camponês.** 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

CPT. Disponível em: <www.cptnacional.org.br>. Acesso em: 5 fev. 2015.

GOMES, Horieste. **Cela 14. Militância, prisão e liberdade.** Goiânia: Editora do Autor, 2009.

GRZYBOWSKI, Cândido. Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural. **Revista Contexto e Educação.** Ijuí. Ano 01. N°4. Out/dez, 1986. P.47-59.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. Paris: França, 1968.

LOUREIRO, Walderês Nunes. **O aspecto educativo da prática política.** Goiânia: UFG, 1988.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa,** Lisboa, n. 2. p. 4-23, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. (Org.) **Educação e ruralidades.** Goiânia: UFG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **A revanche camponesa.** Goiânia: Editora da UFG, 1999b.

PESSOA, Jadir de Moraes. Aprender e ensinar no cotidiano de assentados rurais em Goiás. **Revista brasileira de Educação.** Jan/Fev/Mar/Abr. n°10. 1999a.

PIETRAFESA, José Paulo. **Terra, ocupação e posse:** novos desafios aos movimentos sociais frente à ação do capital agrário. **Conflitos no Campo Brasil,** v. 1, p. 70-76, 2015.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Edinair Gomes da. **As perspectivas da educação no campo no município do Faina.** Monografia. FAI, 2016.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório final:** violações de direitos no campo 1946 a 1988. Organizadores: SAUER, Sérgio. [et al.] Brasília: Dex-Unb, 2015.

SILVA, Edson Batista da. **Cercados e a contrapelo:** as expulsões e as reações camponesas à acumulação primitiva permanente (1970-2015). Tese de doutorado. UFG: IESA, 2018.

TALGA, Dagmar Olmo. **Comunicação e luta pela terra em Goiás: estudo a partir do acampamento Dom Tomás Balduino**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Informação e Comunicação. UFG: Goiânia, 2017.

Recebido em 30/08/2019. Aceito para publicação em 20/03/2020.
--